

Antropofagia ou Simbiose? Uma questão do modernismo brasileiro¹

Anthropophagy or Symbiosis?

A question of Brazilian modernism

Maria Cristina Machado
Motta

Laboratório de Ultraestrutura
Celular Hertha Meyer

Instituto de Biofísica Carlos
Chagas Filho

Universidade Federal do Rio
de Janeiro (UFRJ)

motta@biof.ufrj.br

cristinamotta@hotmail.com

Recebido em: 16/10/2018

Aceito em: 26/11/2018

Resumo

O modernismo brasileiro foi um movimento que pensou a originalidade da nossa cultura, seja através da visão folclórica de Mario de Andrade em *Macunaíma*, seja através da poesia mágica e amazônica de Raul Bopp em *Cobra Norato*, seja através das formas coloridas e primitivas do *Abaporu* de Tarsila do Amaral ou do *Manifesto Antropófago* de Oswald de Andrade. A antropofagia modernista assumiu características canibais quando pensou na devoração do outro como modo de autossustentação e fortalecimento. Entretanto, há necessidade de fazer uma distinção entre canibalismo e antropofagia: o primeiro conceito se dá em um nível biológico, enquanto o segundo se dá em um nível mágico e ritualístico. Mas o fato é que ambos os termos usados para repensar a cultura nacional, nos aproximam da Biologia, que tem como temas principais a evolução e a origem da vida: todos os seres que existem descendem de associações, permanentes ou transientes, entre espécies primitivas diferentes. Não é possível descrever com exatidão como a vida surgiu, mas com certeza a devoração e o canibalismo fizeram parte de eventos evolutivos que nos possibilitam hoje existir com diversidade e plenitude. “Nós somos todos Canibais”, como concluiu em seu ensaio etnológico Lévi-Strauss. “Nós somos todos Simbiose”, como concluiu ao longo de vários anos como cientista que estuda a biologia da evolução celular. Neste breve ensaio vou me deter na questão da antropofagia e do canibalismo, nos seus conceitos e na possibilidade destas relações participarem no processo de reinvenção da cultura brasileira. Ao mesmo tempo, vou questionar a proposta do *Manifesto Antropófago* e repensar sua criação não através da antropofagia, mas sim através da simbiose, relação biológica que dá origem a novos seres, a novas coisas e especialmente a novos modos de pensar.

Palavras-chave: modernismo brasileiro, *Manifesto Antropófago*, antropofagia, canibalismo, simbiose.

Abstract

Brazilian modernism was a movement that thought the originality of our culture, through the folk vision of Mario de Andrade in *Macunaíma*, through Raul Bopp's magical and Amazon poetry in *Cobra Norato*, through the colorful and primitive forms of the *Abaporu* of Tarsila do Amaral or through the *Anthropophagic*

1 Este texto foi produzido e ligeiramente modificado a partir da monografia orientada pelo Professor Pedro Duarte e apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Arte e Filosofia da PUC-Rio como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Filosofia.

Manifest of Oswald de Andrade. The modernist anthropophagy assumed cannibalistic characteristics when it thought of the devouring of the other as a way of self-support and empowerment. However, there is a need to make a distinction between cannibalism and anthropophagy: the first concept occurs on a biological level, while the second takes place on a magical and ritualistic level. But the fact is that both terms used to rethink the national culture, bring us closer to biology, that has as main themes the evolution and the origin of life: all beings that exist are descended from associations, permanent or transient, between different primitive species. It is not possible to describe exactly how life came about, but surely devouring and cannibalism were part of evolutionary events that allow us today to exist with diversity and fullness. “We are all Cannibals,” as Levi-Strauss concluded in his ethnological essay. “We are all Symbiosis,” as I conclude over many years as a scientist who studies the biology of cellular evolution. In this brief essay I will focus on the question of anthropophagy and cannibalism, in their concepts and in the possibility of these relationships participating in the process of reinvention of Brazilian culture. At the same time, I will question the proposal of the *Anthropophagic Manifest* and rethink its creation not through anthropophagy, but through symbiosis, a biological relationship that gives rise to new beings, new things and especially new ways of thinking.

Keywords: brazilian modernism, Anthropophagic Manifest, anthropophagy, cannibalism, symbiosis,

Para todos os seres primitivos,

Sejam eles do micro ou do macrocosmos, pela simplicidade do viver. Porque chegaram primeiro, porque contribuíram para o nosso existir, porque são eterna fonte do novo.

Para Oswald,

Esteja aonde estiver! Porque ele me permitiu repensar a importância do primitivo para a vida, seja biológica, seja cultural. Confesso que no início ele me causou muita antipatia e tive muita resistência em aceitá-lo como autor original e inovador. Isso aconteceu quando ao me debruçar sobre o estudo do movimento modernista, me encantei profundamente com o outro Andrade, o Mario. Fiquei extremamente cativada pelo seu desejo de reconhecer o carácter unitário da entidade nacional através de buscas etnográficas, o que o fez viajar muito pelo país e conhecer a nossa gente. Também fiquei atraída por sua pesquisa cuidadosa da cultura popular com seus traços de brasilidade, que resultaram no triunfo de *Macunaíma*. Como cientista me identifiquei inicialmente com Mário e com os recursos formais e técnicos que ele usou na composição de suas poesias. Já Oswald me parecia um homem superficial e demasiadamente intuitivo e rebelde, que buscava equivocadamente a renovação da cultura brasileira em frequentes viagens festivas para a Europa. Precisei de tempo para reconhecer que só conseguiria realmente conhecer Oswald através da leitura de sua obra, especialmente de seus Manifestos (ANDRADE, 1990; 1991), e para ter certeza de que ele seria o principal mediador e balizador do meu estudo. A verdade é que eu não conseguiria jamais repensar a questão do primitivo, depois de tantos anos estudando a origem da vida, se não me deparasse com um personagem extremamente provocante, irônico e debochado como o Oswald. No fundo eu gostaria de ser mais espontânea e audaciosa como ele foi, queria seguir nas minhas buscas usando a intuição e o sentimento e não só a razão. Mas cada um tem a sua história e a minha passa pela paixão pela Ciência, que me pediu desde muito jovem, um olhar crítico e lógico diante das coisas. Oswald certamente me ajudou a desconstruir ideias e conceitos que estavam engessados e também a repensar fatos, o que é muito valioso para a Ciência, mas especialmente para a vida. Em comum temos a paixão por Paris, pela literatura, mas sobretudo uma *joie de vivre*!

Para o querido amigo Affonso Romano de Sant’Anna,

Pelas sugestões de leitura, comentários, por revisar o meu texto e corrigir os meus erros de português. Agradeço especialmente pelas nossas discussões virtuais sobre Ciência, Filosofia e Literatura e por ter me incentivado a refletir sobre simbiose como fonte de renovação cultural.

Montaigne (2015) fez o maior de todos os elogios à natureza e ao primitivismo, baseado em relatos recolhidos sobre a França Antártica, a colônia que os franceses tentaram implantar na baía de Guanabara a partir de 1555.

Acho que não há nada de bárbaro e de selvagem nessa nação, a não ser que cada um chama de barbárie o que não é de seu costume. Assim como, de fato, não temos outro critério de verdade e de razão além do exemplo e da forma das opiniões e usos do país em que estamos. Nele sempre está a religião perfeita, o governo perfeito, o uso perfeito e consumado de todas as coisas. Eles são selvagens assim como chamamos selvagens os frutos que a natureza produziu por si mesma e por seu avanço habitual; quando na verdade os que alteramos por nossa técnica e desviamos da ordem comum é que deveríamos chamar de selvagens. Naqueles são vivas e vigorosas, e mais úteis e naturais, as virtudes e propriedades verdadeiras, e, nestes, nós as abastardamos adaptando-os ao prazer de nosso gosto corrompido... Não é razão para que o artifício seja mais reverenciado que nossa grande e poderosa mãe natureza. Sobrecarregamos tanto a beleza e a riqueza de suas obras com nossas invenções que a sufocamos totalmente. Seja como for, em qualquer lugar onde sua pureza reluz ela envergonha esplendidamente nossos vãos e frívolos empreendimentos... É uma nação, eu diria a Platão, em que não há nenhuma espécie de comércio, nenhum conhecimento das letras, nenhuma ciência dos números, nenhum termo para magistrado nem para superior político, nenhuma prática de subordinação, de riqueza ou de pobreza, nem contratos nem sucessões, nem partilhas, nem ocupações além do ócio, nenhum respeito ao parentesco exceto o respeito mútuo, nem vestimentas, nem agricultura, nem metal, nem uso de vinho ou de trigo. As próprias palavras que significam mentira, traição, dissimulação, avareza, inveja, difamação, perdão são desconhecidas. Como ele consideraria distante dessa perfeição a república que imaginou! ... E toda a moral deles só contém estes dois artigos: coragem na guerra e afeição por suas mulheres... Portanto, podemos muito bem chamá-los de bárbaros com relação às regras da razão, mas não com relação a nós, que os ultrapassamos em toda espécie de barbárie... (MONTAIGNE, 2015, p.145-151)

Introdução: Modernismo, antropofagia e biologia

“Faço um apelo a todos os estudiosos para que tomem em consideração a grandeza do primitivo, o seu sólido conceito de vida como devoração e levem avante toda uma filosofia que está para ser feita
(ANDRADE, 1991)

(Oswald de Andrade, Comunicação escrita para o Encontro dos Intelectuais, realizado no Rio de Janeiro em 1954 e citado no seu livro *Estética e Política*)

A Semana de Arte Moderna de 1922 impulsionou a causa modernista não só na própria cidade de São Paulo, mas no Brasil, em especial no Rio de Janeiro, em Minas Gerais, mas também em cidades do Nordeste e do Sul. Dessa agitação no mundo das artes nasceu a Antropofagia, uma vertente do movimento modernista, com espírito jovem e independente, capaz de sátiras audaciosas, retomadas literárias e reconsiderações artísticas. A Antropofagia surgiu no fim da década de 1920 derrubando valores e hierarquias e mais tarde serviu como estímulo criador para o Concretismo, na década de 1950 e especialmente para a Tropicália, o Neoconcretismo e o Cinema Novo, no fim da década de 1960. A antropofagia representou um momento histórico repleto de novidades, descobertas e inquietações sociais. Oswald de Andrade com seu espírito revoltado e vanguardista tentou agitar a bandeira do modernismo brasileiro e suscitar novas discussões artísticas e literárias. Sua busca foi ambiciosa: traduzir a contradição de ser brasileiro em arte nova e apreciável por todos.

Nas primeiras décadas do século XX, enquanto a Europa, em especial Paris, se agitava em novas ideias culturais, aqui no Brasil a inquietação era vaga e inicial. Sabia-se da necessidade de deixar de lado o conformismo para reinterpretar os valores nativos e as vanguardas internacionais de modo a criar uma identidade nacional através de uma arte brasileira transformadora e mais evoluída. E o cenário internacional contribuiu para essa proposta, com a interferência de correntes europeias que nos trouxeram as ousadias do Futurismo e do Dadaísmo. Na verdade, estes movimentos contribuíram para a formação de um espírito crítico, capaz de observar acontecimentos e obras artísticas e transformá-los em algo verdadeiramente original. Em 1922, Mario e Oswald de Andrade publicaram, respectivamente, *A escrava que não era Isaura* e *Memórias Sentimentais de João Miramar*, e ambos reconheceram a forte influência das correntes renovadoras europeias nos problemas estéticos, sociais e políticos brasileiros. Oswald, em constantes viagens à Paris, algumas delas demoradas por quase um ano, como a de 1924, respirou certamente os ares dadaístas que moviam mudanças na literatura francesa através de publicações como *Le Cog*, *Le Coeur à Barbe* e *Cannibale*¹, que representavam rebeliões estéticas. Oswald, que era simpatizante de toda esta movimentação artística e literária, conheceu Blaise Cendrars, que sobre ele exerceu duradoura influência, e também Maximilien Gauthier, que o apresentou a Francis Picabia. Este último é o autor do *Manifeste Cannibale*, que serviria a Oswald como fonte inspiradora para o *Manifesto da Poesia Pau Brasil*², publicado no jornal Correio da Manhã em março de 1924, e posteriormente para o *Manifesto Antropófago*. O desejo de realçar o naturalismo brasileiro e transformá-lo na maior motivação para a construção de uma cultura nacional e original está aí presente:

Nossa época anuncia a volta ao sentimento puro. Um quadro são linhas e cores. A estátua são volumes sob a luz. A Poesia Pau-Brasil é uma sala de jantar domingueira, com passarinhos cantando na mata resumida das gaiolas, um sujeito magro compondo uma valsa para flauta e a Maricota lendo o jornal. No jornal anda todo o presente. Nenhuma fórmula para a contemporânea expressão do mundo. Ver com olhos livres.

O contato com a comunidade vanguardista de Paris inspira em Oswald uma formulação antropofágica, que deseja uma nova sociedade onde o homem brasileiro, ainda com um pensar pré-lógico e de mentalidade religiosa e mágica, fosse capaz de apreender as novidades artísticas europeias e misturá-las a suas raízes primitivas. Deste modo, surgiria uma nova cultura nacional, de valores próprios, capaz de impressionar pela sua diversidade e originalidade. Assim, em 1928, já no auge do modernismo brasileiro, surge o *Movimento Antropofágico*, uma ideologia de vanguarda. E tudo começou durante um jantar, em um restaurante paulista no bairro de Santana especializado em rãs, que contou com a força de interação Tarsila-Oswald:

Oswald levantou-se, começou a fazer o elogio da rã. Explicando, com uma alta percentagem de burla, a doutrina da evolução das espécies (...), para provar que a linha da evolução biológica do homem (...) passava pela rã (...). Tarsila interveio: - Com esse argumento chega-se teoricamente à conclusão de que estamos sendo agora uns quase antropófagos (BOPP, 2006, p.13).

Alguns dias depois desse jantar, Oswald começa a organizar o *Movimento Antropofágico* brasileiro em um país ainda incógnito, que precisava ser decifrado e desvendado. Havia uma necessidade de se libertar do rígido modelo europeu que ainda predominava na literatura, nas artes e no vestuário. Aliado a este fato, não havia uma apreciação ou interação direta do indivíduo com o ambiente que estava ao redor, o que provocava inquietações sociais. Esse movimento representou uma tentativa obstinada de criar uma cultura própria e também de gerar uma consciência nacional dos nossos valores. Isso se daria através de uma conciliação da

- 1 Revista francesa publicada em dois números em 1920 e idealizada por Francis Picabia. *Cannibale* contém uma coleção de frases, pensamentos filosóficos e obras escritas de vários artistas envolvidos no Dada em Paris. Na dedicatória, Picabia escreve sobre o internacionalismo de si mesmo e Dada: "Eu sou de muitas nacionalidades e Dada é como eu".
- 2 Originalmente publicado na revista *Dadaphone*, no 7, em março de 1920, Paris. Este manifesto está também na referência: ROCHA, J. C. C.; RUFFINELLI, J. (Org.) *Antropofagia Hoje? Oswald de Andrade em cena*. São Paulo: É Realizações, 2011.

cultura nativa, com suas genuínas manifestações populares e folclóricas, e com a cultura intelectual renovada. Esta composição híbrida uma vez formada, explicitaria a miscigenação étnica do povo brasileiro e a realidade social de um país tropical livre de censuras e complexos³.

Um problema que perpassa e constrói a arte e a biologia é a questão da origem. De onde viemos? Como nasce a cultura brasileira? Há muita controvérsia nas teorias que explicam a origem da vida e das células que compõem os organismos. Do mesmo modo, há um grande debate sobre como os movimentos artísticos mundiais contribuíram para a formação de uma cultura genuinamente brasileira. Entre estas duas questões tão distintas há um ponto em comum: tudo o que existe nasce através de relações, de associações entre coisas e seres.

O contexto da antropofagia de Oswald de Andrade

O *Manifesto Antropófago* foi lançado por Oswald de Andrade em maio de 1928 na *Revista de Antropofagia* e circulou posteriormente como página semanal do *Diário de São Paulo*. Assim como o *Manifesto da Poesia Pau-Brasil*, de 1924, esta é uma publicação do movimento modernista que trata do primitivismo nativo e questiona a realidade sócio-cultural brasileira. Entretanto, este segundo manifesto se preocupa com a cultura como um todo, não se detendo em questões da poesia e da arte, como o fez o *Manifesto da Poesia Pau-Brasil*. De modo geral, o *Manifesto Antropófago* é considerado mais radical e polêmico do que o primeiro por promover uma divergência ideológica com outras correntes de pensamento modernista que então se confrontavam: o *nacionalismo metafísico* de Graça Aranha e o *nacionalismo prático verdamaré* do grupo *Anta* formado por vários autores como Menotti Del Picchia e Plínio Salgado (BOPP, 2006).

Em um primeiro momento, o movimento antropofágico se dedicou a reafirmar a maior autonomia dos meios de expressão conquistada pelo movimento modernista entre 1917 e 1927: libertou a literatura de regras gramaticais inúteis, criou revistas que mostravam os valores modernistas e mais que isso, gerou um novo espírito político no país. As diferentes influências das vanguardas internacionais estavam presentes, como o primitivismo, que buscava os elementos originais da arte nos sentimentos, no caráter instintivo e na simplicidade das formas. O primitivismo trabalhava a arte através da emoção, do inconsciente e da catarse, criticando a degradação do intelectualismo. Havia uma negação às proposições filosóficas, ao direcionamento histórico e às imagens e conceitos impostos pelo classicismo. Entre os movimentos primitivistas devemos destacar aqueles que terão influência marcante no modernismo brasileiro: o futurismo; na figura central de Filippo Tommaso Marinetti; o dadaísmo, que tem sua última manifestação em 1922 organizada por Tristan Tzara; e o surrealismo, que contou com muitos colaboradores como Francis Picabia, Andre Breton e Paul Eluard. Picabia, ainda em atmosfera dadaísta, publica em 1920 a revista *Caniballe*, que contém ideias que serão fortemente absorvidas por Oswald de Andrade:

A virtude francesa é precisamente saber absorver sem morrer um montão de produtos diferentes e de devolvê-los misturados com um odor tal que ninguém se poderá enganar no mundo inteiro sobre a origem desta síntese, e que se possa dizer da América à Tchecoslováquia: Que requintado. Eis o gosto francês! (RIBEMONT-DESAIGNES *apud* MARTINS, 1973, p. 32)

Se há a interferência das vanguardas francesas na formulação do *Manifesto Antropófago*, é preciso reconhecer antes a influência de *Os Ensaios* de Montaigne (2015), cuja primeira versão é datada de 1580, em especial do escrito intitulado *Sobre os canibais*, onde o autor faz um elogio sem precedentes a natureza, ao primitivismo e ao homem selvagem. Há neste ensaio a ideia de que o selvagem não é bárbaro, mas sim um ser primitivo de virtudes e propriedades verdadeiras, enquanto os europeus civilizados são aqueles que disvirtuam a natureza e tem um gosto corrompido, sendo incapazes de julgar os próprios erros. Montaigne

3 Livrentemente inspirado nos escritos de Raul Bopp, 2006; Jardim 2015 e os livros de Lévi-Strauss que estão mencionados nas referências.

(2015) traz a ideia de que o canibalismo tem com fim último arrancar da boca do ser capturado uma palavra covarde, pois só há vitória quando o inimigo se confessa vencido em sua alma e consciência e isto de fato é muito inspirador para Oswald.

Outra influência marcante no movimento antropofágico foi Jean-Jacques Rousseau, que expõe em *Do Contrato Social* (ROUSSEAU, 2011) um ideal em que a vida social constituiu a base de um contrato em que cada indivíduo condiciona a sua liberdade ao bem da comunidade, procurando sempre proceder de acordo com as aspirações da maioria. Tais ideias são políticas e alimentam não só a revolução francesa, mas muitas outras, como a revolução Caraíba de Oswald. Se Rousseau afirmou que “o homem nasce bom e a sociedade o corrompe”, Oswald bradou que “antes dos portugueses descobrirem o Brasil, o Brasil tinha descoberto a felicidade”, acusando a imposição da cultura européia aos índios brasileiros. Se o contrato social de Rousseau preconiza que os direitos e os deveres de cada indivíduo são estipulados na lei, que orienta a constituição do Estado e da legislação; Oswald afirma em seu manifesto a necessidade de contato, e respeito, do europeu colonizador com o Brasil Caraíba e seu homem natural. E mais: se a obra de Rousseau nos sugere que a origem da vida social está no sentimento humano que nos impulsiona a nos identificar com o outro, Oswald conclui a partir daí que a maneira mais fácil de identificar-se com o outro, estrangeiro e colonizador, é comendo-o. A antropofagia se livra do olhar restrito e preconceituoso e passa a ser a única lei do mundo, que nos salva e nos une. É a “transformação permanente do tabu em totem”.(ROCHA; RUFFINELLI, 2011).

A raiz indígena do conceito de antropofagia

Mas o que é antropofagia? Segundo os dicionários da língua portuguesa *Michaelis*: “condição, estado ou ato de antropófago, canibalismo”, sendo o antropófago aquele que pratica o canibalismo, ou seja, aquele que come carne humana, ou outro animal da mesma espécie; ou ainda, destruição por um ser ou entidade de outro ser da mesma categoria com ferocidade e crueldade. Para entender o uso do conceito de antropofagia pelo movimento modernista brasileiro é relevante rever o modo de vida de grupos tribais no Brasil durante o seu descobrimento. Nesta época, a antropofagia apresentava um caráter especialmente ritual e tinha grande importância na organização social indígena e também nas cerimônias de nomeação e iniciação. Muitas destas sociedades eram estruturadas em função da guerra e a capacidade de um índio de perseguir e matar o maior número possível de inimigos representava uma aquisição de status. Entretanto, entre as populações ameríndias brasileiras o canibalismo podia ainda representar um ato de compaixão e amor como o praticavam as mães indígenas do Recife no século XVII, que comiam fetos abortados ou as crianças que nasciam mortas. Os índios Tapuia do Maranhão, comiam membros da própria família que ficavam doentes e sem esperança de cura. Eles acreditavam que deste modo estavam salvando seus entes queridos de uma morte lenta e dolorosa e que seus restos mortais teriam melhor destino se incorporados aos corpos dos parentes do que enterrados, onde apodreceriam (VIVEIROS DE CASTRO, 2015).

Para entender o movimento antropofágico brasileiro é importante ainda comparar a antropofagia dos índios das tribos Araweté e Tupinambá. O canibalismo entre os índios arawetés possuía um lugar de honra: as divindades celestes (os Mai) devoravam as almas dos mortos que se tornavam seres imortais, tal como seus devoradores. Já entre os tupinambás, o canibalismo implicava afinidade, um processo de identificação com o contrário. Neste último caso o ser devorado era um inimigo capturado, que era inclusive bem tratado durante todo o período de preparação para o ritual de execução. Em tupi-guarani a palavra inimigo equivale a *tovarajar*, que significa contrário ou fronteiro. A antropofagia ritual dos tupinambás tinha valor social tribal: o índio executor ganhava um novo nome, passava a ter o direito de se casar, de constituir família e de discursar, além da garantia do paraíso póstumo. Se entre os arawetés o canibalismo tinha um valor sobrenatural, ou seja, os mortos uma vez devorados eram divinizados; entre os tupinambás representava um sacrifício realizado em nome dos espíritos dos mortos daquele grupo, uma celebração em que a execução e a devoração tinham conotação de vingança. Segundo Eduardo Viveiros de Castro em *Metafísicas Canibais* (2015), o canibalismo divino arawetés, de conteúdo simbólico e com significado social, contrasta com o canibalismo humano

tupinambá que faz um deslocamento pragmático, uma torção ou translação de perspectiva que afeta os valores e as funções de sujeito e de objeto, de meio e de fim, de si e do outro.

Parece certo que o *Manifesto Antropófago* de Oswald é bastante influenciado pela descrição geral e indistinta que Montaigne (2015) faz do homem primitivo, mas há também uma inspiração no canibalismo tupinambá, enquanto um processo de mudança de perspectivas, onde o “eu” se determina como “outro” através do ato de incorporação deste outro pela devoração. O que se come não é um corpo, mas a relação do inimigo com o devorador, em uma tentativa de assimilar da vítima os seus signos de alteridade. E assim, o devorador vê a si mesmo através do inimigo, ele se entende como ser e pronuncia a sua própria singularidade através do outro. O canibalismo modernista é de carácter humano e se contrapõe à devoração cristã simbolizada na eucaristia, que se identifica com o canibalismo araweté: a comunhão do corpo de Cristo é capaz de salvar o homem, de torná-lo mais próximo do divino e de lhe oferecer o paraíso na vida eterna. O movimento oswaldiano se impregna da política indígena do canibalismo e aponta para a alteridade predatória como fonte de formação cultural: a ideia da captura de recursos simbólicos do exterior, seja de nomes, palavras, histórias ou memórias.

A agressividade antropofágica

Ao pensar na palavra antropofagia como mote norteador para o manifesto de 1928, Oswald lança o vocábulo para escandalizar e para promover a desagradável lembrança do canibalismo, que é considerado como uma possibilidade de permanência da espécie. No *Manifesto Antropófago* Oswald não assumiu um processo de assimilação harmoniosa e espontânea da cultura estrangeira, como de certa forma considerou anteriormente no *Manifesto da Poesia Pau-Brasil*. Nesta nova etapa, ele foi mais radical e considerou a antropofagia como uma palavra ofensiva, como um instrumento de agressão e como uma arma de teor explosivo, que traz consigo os contrastes éticos, sociais, religiosos e políticos (ROCHA; RUFFINELLI, 2011).

A antropofagia é um mesmo tempo metáfora, diagnóstico e terapêutica: *metáfora orgânica* inspirada na cerimônia guerreira da imolação pelos tupis do inimigo valente apressado em combates, englobando tudo quanto deveríamos repudiar, assimilar e superar para a conquista de nossa autonomia intelectual; *diagnóstico* da sociedade brasileira como sociedade traumatizada pela repressão colonizadora que lhe condicionou o crescimento, e cujo modelo terá sido a repressão da própria antropofagia ritual pelos Jesuítas, e *terapêutica*, contra os mecanismos sociais e políticos, os hábitos intelectuais, as manifestações literárias e artísticas... de que a Catequese constituiria a causa exemplar, uma instância censora, um Superego coletivo (ANDRADE, 1990, p.15-16)

A antropofagia é uma palavra com efeito catalisador, um símbolo de insulto, de sacrilégio e de agressão física a um inimigo que possui muitas faces, tais como: o colonialismo político-religioso que reprimiu a civilização brasileira; a sociedade patriarcal com seus padrões de conduta moral e a imposição de atitudes colonizantes, que tem o indianismo como uma sublimação das frustrações do ser colonizado, que simplesmente imita as ações do colonizador. O primitivismo aparece como signo de deglutição crítica do outro, a ingestão do inimigo de forma completa e vingativa, o que remete ao que foi escrito por Hans Staden, no século XVI:

Fazem isto, não para matar a fome, mas por hostilidade, e quando na guerra escaramuçam uns com os outros, gritam entre si, cheios de fúria: “Sobre ti caia toda desgraça, tu és meu pasto. Quero ainda hoje moer-te a cabeça. Aqui estou para vingar em ti a morte dos meus amigos. Tua carne, hoje ainda, antes que o sol se deite, deve ser meu manjar (STADEN, 2008, p.67).

O pensamento modernista está em sintonia com a antropofagia indígena que acreditava que, ao comer a carne de um forte inimigo guerreiro, iria adquirir o seu poder, seus conhecimentos e as suas qualidades.

O movimento de 1928, assim como o canibalismo dos índios brasileiros, considerava que a devoração representava a vingança dos seus antepassados que tinham sido mortos e a sua cultura aniquilada. Com a vinda dos missionários jesuítas, o canibalismo foi fortemente combatido, por ser incompatível com os valores da sociedade européia. Tal repressão representou um grave dano para um tipo de organização social indígena em que a antropofagia desempenhava relevante função na aquisição de prestígio e ascensão social. O movimento antropofágico modernista retoma a luta do colonizado contra seu colonizador, duas figuras retóricas dominantes do discurso brasileiro. O colonizador é aquele que impõe uma língua, que tira a liberdade de expressão do colonizado e lhe obriga a absorver uma cultura estrangeira. Ele é o verdadeiro explorador, aquele que invade a terra para dela arrancar os seus recursos úteis. O próprio nome do país deriva de um produto de extração, o pau-brasil, que foi explorado e completamente esgotado. Então, é legítimo o sentimento de vingança e a ideia de que para ser considerado herói, não basta capturar o colonizador inimigo é preciso também ser seu carrasco antes de devorá-lo (CALLIGARIS, 1996; VIVEIROS DE CASTRO, 2015).

Contra a verdade dos povos missionários, definida pela sagacidade de um antropófago, o Visconde de Cairu: é a mentira muitas vezes repetida. (...) Mas não foram cruzados que vieram. Foram fugitivos de uma civilização que estamos comendo, porque somos fortes e vingativos como o Jabuti.

A busca do movimento antropofágico vai além da questão estética da fase pau-brasil. Neste novo momento, Oswald não só preconiza o uso de uma língua literária “não catequizada” como também ironiza a submissão da elite brasileira aos países desenvolvidos de modo a provocar discussões relacionadas com o sujeito social e coletivo. Não se trata de fazer oposição pura e simplesmente à civilização moderna industrial, mas sim de através do pensamento antropofágico distinguir os elementos positivos desta civilização que possam tornar possíveis as formas primitivas de existência e por fim promover a “Revolução Caraíba” e do novo homem “bárbaro tecnicizado”.

O sentido biológico do canibalismo

O canibalismo, do ponto de vista biológico, não é considerado algo anormal, mas sim, uma resposta completamente comum a uma variedade de fatores ambientais (FOX, 1970). Este é um tipo de relação intra-específica que ocorre em todo o reino animal, inclusive nos vertebrados, dos peixes aos mamíferos. O canibalismo permite que indivíduos de algumas espécies acelerem seu processo de desenvolvimento, possibilitando que eles superem mais rapidamente condições ambientais imprevisíveis ou desfavoráveis. Em espécies de besouros, por exemplo, este tipo de comportamento pode conferir uma vantagem reprodutiva, uma vez que indivíduos canibais produzem mais ovos do que não canibais.

Há características que podem ser usadas para definir biologicamente o canibalismo: (i) normalmente os animais imaturos são comidos com mais frequência que os adultos, (ii) muitos animais, particularmente invertebrados, não reconhecem indivíduos de sua própria espécie, principalmente óvulos e estágios imaturos, que são simplesmente considerados como fonte de alimento, (iii) fêmeas são mais frequentemente canibais que os machos, (iv) o canibalismo aumenta com a inanição/fome e diminui concomitante quando há formas alternativas de nutrição e, (v) o canibalismo está frequentemente relacionado de modo direto com o grau de superpovoamento em uma dada população (POLIS, 1980).

O canibalismo não é simplesmente um tipo de proposição que ocorre ou não ocorre, mas que depende de variáveis como densidade populacional e mudanças nas condições ambientais locais. Muitas espécies animais, mantêm territórios específicos dentro dos quais são intolerantes à presença de membros da mesma espécie. Desta forma, a aglomeração em populações aumenta a frequência com que os indivíduos violam o espaço dos outros. Ao reduzir as condições de superlotação, o canibalismo pode servir para diminuir a frequência das violações do território.

Há também que considerar os sérios inconvenientes em ser um canibal. O mais significativo deles é a chance maior de adquirir doenças prejudiciais de um co-específico. Predadores que consomem seres da sua própria espécie correm um risco maior de se infectarem com parasitas do que predadores que se alimentam apenas de outras espécies. Canibais que comem seus próprios parentes também podem experimentar diminuições em uma medida de sucesso evolutivo conhecido como *inclusive fitness* (aptidão inclusiva). Um canibal que consome seus próprios filhos, irmãos, ou até mesmo parentes distantes, remove esses genes das populações, por isso reduz sua própria aptidão inclusiva. Com isso, a seleção natural deve favorecer canibais que podem discriminar entre parentes e não-parentes, principalmente porque comer não-parentes não resulta em perda de aptidão inclusiva. Na maioria dos casos, isso é exatamente o que acontece, seja com o homem ou qualquer outra espécie animal. Como cada indivíduo apresenta geralmente um repertório genético particular, canibalizar assume adquirir novas características e plasticidade fenotípica, o que oferece maiores chances de adaptação ao meio. O aparecimento de novos traços em uma população, geralmente representa um primeiro passo para o surgimento de novas espécies na natureza.

Por que canibalizar?

O movimento antropofágico buscou obstinadamente a identidade da cultura nacional e pregava continuamente o respeito as nossas raízes, além de tentar responder a questões essenciais sobre o Brasil e os brasileiros como: “Quem somos nós?” e ainda “O que nos une?”. Para Oswald (1990) (ANDRADE, 1990), o brasileiro é uma mistura de culturas e etnias, um povo ao mesmo tempo primitivo e civilizado, capaz de devorar e produzir o novo.

A biologia, através dos projetos genômicos e do uso de sequências de DNA como marcadores, dá suporte a ideia de Oswald de que não se pode racializar o Brasil. Sabemos que a ancestralidade étnica brasileira conta com a participação de índios, portugueses e negros, que se miscigenaram e geraram mestiços como cafuzos, mamelucos e mulatos. Na época do império o Brasil passou por uma política de branqueamento que trouxe ao país 6 milhões de europeus e esse projeto de imigração durou até os anos 70. O resultado foi o aparecimento de uma população com uma gradação de tons de pele que vai do branco ao negro. Não existe necessariamente uma correspondência direta entre cor de pele e ancestralidade, já que os brasileiros de diferentes regiões do país têm pelo menos 60% de ancestralidade europeia em seu material genético. No artigo intitulado *Muitas cores, um povo* o geneticista Sergio Pena (2002, 2011) afirma: “Temos europeus pardos, europeus pretos e europeus brancos”. Chega-se a conclusão de que do ponto de vista genético existe uma unidade nacional, ou seja, apesar de suas dimensões continentais o Brasil quanto a sua composição étnica é um único país. Somos todos geneticamente misturados e por isso somos geneticamente homogêneos. Surgimos da mistura de genes ameríndios, europeus e negros e talvez por isso sejamos um povo ímpar, de complexidade cultural e de difícil tradução. A biologia confirma hoje o que um dia desejou Oswald: a antropofagia de europeus em solo brasileiro.

Para alcançar a almejada identidade da cultura nacional, não basta se voltar unicamente para as próprias raízes, mas sim ter a pretensão de ser original e cosmopolita. Oswald (1990) propunha a antropofagia como elemento capaz de reelaborar a nossa cultura com autonomia, convertendo-a em produto de exportação e apreciação. (ANDRADE, 1990). Se a antropofagia modernista está ligada à possibilidade da construção do “eu”, neste caso cultural, a partir do “outro”, há necessidade de repensar uma questão que parece simples, mas que na verdade é complexa e persistente: “O que é preciso devorar para se fortalecer?” Se assumirmos que o movimento antropofágico se relaciona ao canibalismo tupinambá, e deste modo a um ritual sacrificial, precisamos também pensar que essa é uma relação irreversível entre dois seres diferentes: o homem tropical primitivo (devorador) e o homem europeu civilizado (devorado). Assim, se estabelece uma associação de continuidade, onde não há lugar para o novo ou o imaginário, já que existe aí um desajuste e um desequilíbrio permanente das desigualdades: o eterno objetivo de contruir uma cultura própria a partir da devoração daquilo que está fora e que não lhe pertence. Além disso, há o permanente desejo de valorizar e projetar o primitivo como fonte inesgotável do novo.

Como passar pelo preconceito do canibalismo primitivo, visto como imaginário e falso, para fazer resurgir-lo como algo objetivo e verdadeiro? Como transformar o tabu em totem? A cultura européia se nutre com as novidades dos trópicos e faz para além-mar uma descrição detalhada da vida humana tal como ela é vivida pelo nativo: um povo bárbaro que pratica a antropofagia, mas que vive em meio as cobiçadas riquezas naturais. Do lado de cá está o povo ameríndio, que assume como condição vital a devoração, que tem a antropofagia enquanto antropologia. A incorporação de atributos do inimigo estrangeiro por atos canibais, em que o lugar de honra era reservado para o matador e sua vítima, representam o essencial da *metafísica da predação*, de Lévi-Strauss (1997): a sociedade primitiva sem interior, aquela que só existe fora de si, onde a imanência coincide com a transcendência. Temos aí dois lados ou mundos extanques que se relacionam através da devoração e da exploração. Penso que talvez a solução esteja no totemismo do primitivo, algo que só pode ser alcançado através de uma relação de reciprocidade. Segundo Lévi-Strauss em *O totemismo hoje* (1986), as transformações do tipo totêmico se estabelecem entre partes que têm as suas posições recíprocas modificadas por trocas, permutações e inversões, além de outras redistribuições combinatórias e extensivas. Estas são características da simbiose, associações que permitem a co-existência de seres distintos, necessariamente de espécies diferentes, através de uma correlação reversível e descontínua, que permite a geração do novo. Esse tipo de relação permite a construção de um “novo eu” a partir do “outro”, pelo ato de incorporação deste outro, que por sua vez também se torna um novo ser. Não há morte, nem destruição, há sim concessões, seleções e a permanência do que cada um trouxe de melhor para uma existência.

Da antropofagia à simbiose

E aqui lanço a minha provocação: Antropofagia ou Simbiose? Como repensar o nascimento da cultura brasileira a partir do pensamento modernista de Oswald de Andrade? Não faz sentido nos dias de hoje resgatar as mesmas questões lançadas pelo *Manifesto Antropofágico* tal como elas se apresentaram no século passado. Cabe sim, analisar suas limitações e atualizar sua crítica, pois vivemos um momento que busca a identidade nacional, que quer recuperar o modo de ser brasileiro e transmiti-lo não só aos contemporâneos, mas as novas gerações. Neste sentido, questiono a partir da minha formação biológica se a antropofagia é realmente capaz de impulsionar a geração de uma cultura brasileira nativa e exótica, que seja ao mesmo tempo regional e universal.

Quando um ser devora outro para que isso resulte em crescimento e evolução, não basta simplesmente capturar, comer e digerir, é preciso assimilar e coexistir. A devoração pode participar inicialmente deste processo, através da assimilação de um ser pelo outro, mas para que esta associação resulte na formação de um novo ser e em um novo modo de existência, é preciso que haja uma relação simbiótica entre seres diferentes. Simbiose significa viver juntos. Essa co-existência pode se dar de diferentes modos, seja através de associações neutras, benéficas ou mesmo prejudiciais. No amensalismo por exemplo, um ser vive com o outro em uma relação neutra, já no comensalismo, somente um dos seres se beneficia, mas o outro não sofre prejuízos. Na protocooperação os dois seres co-existem melhor quando associados, mas podem viver separadamente, o que é diferente do mutualismo. Neste caso, os dois seres se beneficiam, mas precisam necessariamente viver juntos. O parasitismo, assim como o mutualismo é uma relação obrigatória, mas nesta associação um ser parasita e prejudica o outro podendo levar até mesmo a sua morte (ODUM, 1983).

Do ponto de vista científico, há muitas hipóteses sobre a origem da vida, já que não existem registros fósseis capazes de dar suporte a uma teoria única e universal. Apesar das controvérsias, existe um consenso em aceitar que todos os seres da natureza existem graças a encontros únicos, a associações obrigatórias entre seres primitivos. Ser primitivo neste caso significa aquele que surgiu primeiro e que conseguiu se adaptar a um determinado ambiente, ainda que este espaço seja restrito e apresente condições pouco comuns. Não existe aí a ideia de primitivo como algo obsoleto ou ultrapassado, mas sim de resistência e de capacidade de sobreviver a condições inóspitas e a mudanças muitas vezes repentinas. Neste sentido, os seres simples compostos de uma só célula, como as bactérias e as arqueias, podem ser considerados verdadeiras relíquias-

-vivas. A biologia evolutiva tem provas moleculares definitivas para afirmar que a vida complexa dos seres multicelulares, representados especialmente pelas plantas e animais, só existe por conta da simbiose entre seres primitivos necessariamente diferentes. Estas associações geralmente acontecem para preencher necessidades metabólicas e nutricionais que o meio ambiente não consegue mais suprir. Várias destas relações podem se tornar tão estreitas e convenientes que passam a se tornar obrigatórias. Este processo evolutivo assume concessões por parte de ambos os parceiros associados que inclusive sofrem transformações morfológicas e fisiológicas e passam a formar um único ser, uma nova espécie da árvore da vida. O conceito de simbiose é essencial neste trabalho porque nos faz pensar que o encontro entre diferentes não assume necessariamente destruições, mas sim novas construções, criação e inventividade.

Considerando ainda o conceito biológico, canibalismo significa: devorar, matar e assimilar o que o outro oferece de bom para o seu próprio sustento e desenvolvimento. O canibalismo representa uma necessidade natural dos seres-vivos para que se preservem enquanto espécie e não assume caráter de luta ou desperdício. Entretanto, a opinião comum continua sendo a de que o canibalismo é uma monstruosidade, uma aberração inconcebível da natureza humana. Talvez por isso certos autores, vítimas deste mesmo preconceito, afirmam que o canibalismo jamais existiu, alegando que isso foi inventado para acirrar ainda mais as diferenças entre os índios selvagens e os colonizadores civilizados.

Lévi-Strauss diz em seu livro *Nous sommes tous des cannibales* (2013), que não podemos reduzir o canibalismo a sua forma mais brutal, que consiste em matar os inimigos para comer. A isso, o autor chama exo-canibalismo, que é apenas um entre tantos outros tipos, tais como: o político, usado como punição ou vingança contra os inimigos; o mágico, por assimilar as virtudes dos defuntos ou ao contrário para afastar almas; ritual, usado em cultos religiosos, em festas de mortos ou em cerimônias de maturidade, o terapêutico; praticado tanto na medicina antiga pelos europeus (enxertos de materiais cerebrais) como hoje (transplante de órgãos). Lévi-Strauss (2013) conclui que o canibalismo não tem uma realidade objetiva, ele existe enquanto uma realidade de cada tipo de sociedade com suas diferentes leis, crenças e costumes. O conceito de canibalismo e suas aplicações diretas e indiretas estão presentes em toda a sociedade: somos todos canibais.

Houve momentos da nossa história em que o tema da nacionalidade esteve presente, como no romantismo (DUARTE, 2014). Porém, foi apenas no Modernismo que se tentou articular verdadeiramente o mundo brasileiro, de forma a escrever e pensar de forma brasileira. Oswald (1990) (ANDRADE, 1990) pensou em alcançar a identidade da cultura nacional através da antropofagia, mas como conseguir tal feito apenas com a devoração? Para gerar uma cultura original e interessante não basta devorar e aniquilar o outro, é preciso com ele coexistir, assimilar diferenças e fazer concessões, para que durante um longo processo, algo realmente novo seja gerado. Não basta a seleção qualitativa, o consumo e a consumação. É preciso pensar que as assimilações são recíprocas ainda que possam ser assimétricas.

É necessário haver dinamismo entre o ser devorador e o ser devorado para transformar em algo próprio aquilo que era do outro, para que não ocorra uma mera continuação de algo que já existia, mas sim a geração de algo novo e melhor. Assim caminha a evolução biológica, assim desejou o modernismo brasileiro para a cultura nacional. Existe aqui a proposta alternativa de alcançar este objetivo pensando na simbiose como forma de relação entre dois seres que uma vez associados podem formar um único ser: ele é original, mais forte e melhor adaptado ao mundo. Foi assim que surgiu a célula eucariota, que forma desde microrganismos unicelulares até os seres mais complexos, que povoam a natureza e constituem a árvore da vida (MARGULIS, 2001). É assim que proponho a reinvenção permanente da cultura brasileira: interação, associação e coevolução. Que a riqueza da biodiversidade e das etnias brasileiras nos sejam sempre fontes de inspiração, mas que sejam capazes também de assimilar movimentos e movimentações de um mundo globalizado. E que todos possam dizer ao reconhecerem as nossas preciosidades, virtudes e valores: “É linda e única, exuberante, apimentada e efervescente. Eis a cultura brasileira!”

Um diálogo imaginário à guisa de conclusão

Oswald: Só a Antropofagia nos une. Socialmente. Economicamente. Filosoficamente.

Eu: Só a simbiose nos une. Biologicamente. Evolutivamente. Universalmente.

O: A antropofagia é a única lei do mundo. Expressão mascarada de todos os individualismos, de todos os coletivismos. De todas as religiões. De todos os tratados de paz.

E: Querido, não seja tão radical! A antropofagia assume devoração e a morte do outro. É preciso coexistir para poder evoluir e modificar, seja o indivíduo de uma mesma espécie ou os seres que vivem em diferentes tipos de sociedade.

O: Mas a questão continua... Tupi or not tupi?

E: Agora vou ser parmenídica! Tudo o que existe, é! Somos todos Symbiose! E nós brasileiros temos a força da mistura. Somos índios, tupis e não tupis, negros e europeus. Nous sommes tous mélangés! E isso vale para a nossa genética, para a nossa cultura. Viva a diversidade!

O: Só me interessa o que não é meu. Lei do homem. Lei do antropófago.

E: Caramba Oswald! Agora você pegou pesado... Entendo que o outro e o estrangeiro podem contribuir enormemente para repensarmos o que somos, o que é ser brasileiro autenticamente. Eu sei que você se interessa por nossas coisas, nossos ritmos, nosso folclore. Vamos misturar tudo! De uma chance a simbiose!

O: Quer falar de biologia? Então vamos lá! Contra as elites vegetais. Em comunicação com o solo.

E: Agora sim! Vamos pensar no que é nosso, na nossa diversidade e riqueza. Não as hierarquias! Que comece da terra e se irradie por toda a nossa sociedade e cultura.

O: Estou começando a gostar dessa conversa. Queremos a revolução! A Revolução Caraíba. Maior que a Revolução Francesa. A unificação de todas as revoltas eficazes na direção do homem. Sem nós a Europa não teria sequer a sua pobre declaração dos direitos do homem.

E: É isso mesmo! Vamos valorizar o que é nosso. Vamos nos entender primeiro para depois canibalizar. Só assim poderemos ser seletivos e escolher o que devorar.

O: Tá maluca? Nunca admitimos o nascimento da lógica entre nós. Vamos seguir a existência palpável da vida. Só assim seremos únicos, originais, universalmente admirados. Viva o instinto Caraíba!

E: Viva! É que você sabe como é... Difícil para um cientista não pensar de maneira lógica.

O: Agora digo eu: não precisa radicalizar! Morte e vida das hipóteses. Da equação *eu* parte do *Cosmos* ao axioma. *Cosmos* parte do *eu*. Subsistência. Conhecimento. Antropofagia. Afinal, não é você que quer entender a origem da vida?

E: Estou tentando entender apenas um pouco disso, há tempos. Pergunta audaciosa essa minha né? De onde viemos? Como entender a complexidade da vida a partir dos seres primitivos? Mas concordo com você: o eu faz parte do Cosmos e o Cosmos está dentro de cada um de nós, nos gases, nas moléculas que compõe cada ser-vivo.

O: Você é pura razão! Sou mais o instinto. O instinto Caraíba.

E: É verdade, sou racional em demasia! E concluo que estamos estudando as mesmas coisas, estamos preocupados em resolver um mesmo problema. Pregamos a valorização do primitivo, porque sabemos que dele surgiu a pluralidade e a diversidade, seja cultural, seja biológica. Só o primitivo nos salva, culturalmente, biologicamente!

O: Você se preocupa com a biologia, eu com a língua, com a literatura.

Antes dos portugueses descobrirem o Brasil, o Brasil tinha descoberto a felicidade. Já tínhamos a língua surrealista. A idade de ouro.

Catiti Catiti

Imra Notiá

Notiá Imara

Ipeju

E: Viva a língua indígena! A minha fala é biológica!

Archaea

Bacteria

Eucarya:

Protozoa

Fungi

Plantae

Animalia

Assim surgimos nós. Parece que foi nessa ordem, mas não existe uma classificação correta e definitiva, apesar da Ciência sempre primar pelo global e o universal. Mas tudo indica que uma vez existentes, os diferentes seres logo se associaram. Simbiose, viver juntos!

O: E porque não antropofagia para pensar a criação, da natureza, da cultura? Repito: só a antropofagia nos une! Montaigne. O homem natural. Rousseau. Da Revolução Francesa ao Romantismo, à Revolução Bolchevista, à Revolução Surrealista e ao bárbaro tecnizado de Keyserling. Caminhamos. E tudo isso só é possível pela devoração, pelo canibalismo.

E: Sim! Somos todos canibais, como disse Lévi-Strauss. Mas para pensar em revolução é preciso pensar em mudança. Mudança assume novidade, diferença e diversidade, então é melhor pensar em co-existência. A devoração só dá conta da parte inicial desse processo. A simbiose envolve concessões e assimilações e por isso é capaz de gerar seres e coisas mais fortes e resistentes. Essa é a lei da vida, seja biológica ou cultural!

O: Tá certo! Vamos pensar a antropofagia e a simbiose como maneiras de reinventar a biologia e a cultura. Estamos juntos!

E: Sim! E vamos em frente porque como diz você: a alegria é a prova dos nove!

Referências Bibliográficas

ANDRADE, M. **A escrava que não era Isaura**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2010. ANDRADE, O. **A utopia antropofágica**. São Paulo: Editora Globo, 1990.

_____. **Estética e Política**. São Paulo: Editora Globo, 1991.

_____. **Memórias sentimentais de João Miramar**. São Paulo: Editora Globo, 1991.

BARLÊU, G. **História dos fatos recentemente praticados durante oito anos no Brasil**. São Paulo: Editora Itatiaia Edusp, 1974.

BASTOS, A. **A pantofagia ou as estranhas práticas alimentares da selva: Estudo na região amazônica**. Editora Brasileira, Brasília, 1987.

BOPP, R. **Vida e morte da antropofagia**. Rio de Janeiro: Editora José Olympio LTDA, 2006.

CALLIGARIS, C. **Hello Brasil! Notas de um psicanalista europeu viajando ao Brasil**. São Paulo: Escuta, 1996.

DUARTE, P. **A palavra modernista**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2014.

FOX, L. **Cannibalism in natural populations**. *Annual Review of Ecology and Systematics*, 6: 87-106. 1975.

- GANDAVO, P. M. **Tratado da Terra do Brasil: História da Província Santa Cruz**. Editora Itatiaia Edusp. São Paulo, 1980.
- JARDIM, E. **Eu sou trezentos: Mario de Andrade: vida e obra**. Edições de Janeiro. Rio de Janeiro, 2015.
- LE GUYADER, H. **Penser l'évolution**. Paris: Imprimerie Nationale Éditions, 2012
- LÉVI-STRAUSS, C. **Nous sommes tous des cannibales**. Paris: Éditions du Seuil, 2013.
- _____. **O totemismo hoje**. Tradução de José Antonio Braga Fernandes Dias. Lisboa: Edições 70, 1986.
- _____. **O pensamento selvagem**. Tradução Tania Pellegrini. São Paulo: Papirus, 1997.
- MARGULIS, L. **O planeta simbiótico**. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2001.
- MARINETTI, F.T. **A cozinha futurista**. Tradução Maria Lúcia Ancinelli. São Paulo: Alameda, 2009.
- MARTINS, H. **Oswald de Andrade e outros**. São Paulo: Coleção Ensaio, 1973.
- MICHAELLIS. **Dicionário escolar da língua portuguesa**. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2008.
- MONTAIGNE, M. E. **Os ensaios**. Tradução de Rosa Freire D'Aguiar. São Paulo: Penguin Companhia, 2015.
- NUNES, B. **Oswald canibal**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1979.
- _____. Antropofagia ao Alcance de Todos - A Metafísica Bárbara. Prefácio para ANDRADE, O. **A utopia antropofágica**. São Paulo: Editora Globo, 1990.
- ODUM, E. P. **Ecologia**. São Paulo: Editora Guanabara, 1983.
- PENA, S. D. J. (org.) **Homo brasilis: aspectos genéticos, linguísticos, históricos e socioantropológicos da formação do povo brasileiro**. Ribeirão Preto: FUNPEC, 2002.
- _____. Muitas cores, um povo. **Pesquisa FAPESP** vol. 181, Março de 2011, págs 55-56.
- POLIS, G. The evolution and dynamics of intraspecific predation. **Annual Review of Ecology and Systematics**, vol. 12, p. 225-251, 1981.
- ROCHA, J. C. C.; RUFFINELLI, J. (Org.) **Antropofagia Hoje? Oswald de Andrade em cena**. São Paulo: É Realizações, 2011.
- ROUSSEAU, J. J. **O Contrato Social**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2011.
- SCHUTT, B. **Cannibalism: a perfectly natural history**. New York: Algonquin books of cf Chapel Hill, 2017.
- STADEN, H. **Duas viagens ao Brasil**. L&PM Editores. Porto Alegre, 2008
- VELOSO, C. **Verdades Tropicais**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- VIVEIROS DE CASTRO, E. **Metafísicas canibais: elementos para uma antropologia pós-estrutural**. Editora Cosac Naif. São Paulo, 2015.